- Rita Veloso, 19.04.2013

Quando morre um grande professor, a sua grandeza transparece nas homenagens dos alunos, não nas dos pares.

- Luís Graça, 19.04.2013

Ernesto d'Andrade Pardal

Celorico da Beira, 7 de Julho de 1944
Paris, 17 de Abril de 2013
Linguista, Professor do Departamento de Linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Estas são aquelas meras palavras de circunstância, secas, frias e previamente memorizadas para serem debitadas nestes momentos: "fulano de tal, nascido aos tantos do tal em tal sítio, faleceu ontem, olha, até estava fora do país, era professor disto e daquilo, ainda em Janeiro o tinha visto e até tinha falado com ele, já sabíamos que tinha aquela doença, aliás, pela cara via-se que já não durava muito, etc. e tal..."

Mas neste momento eu não quero repetir estas palavras de circunstância...
Eu não quero dizer apenas que "faleceu um distinto professor da faculdade"...

Eu poderia dizer que o Professor Ernesto era uma pessoa amável e simpática — mas não era. Numa sociedade "delicodoce", muito preocupada com o "politicamente correcto", isto era considerado um defeito grave — mas não era; era uma das faces visíveis de uma personalidade multifacetada, iconoclasta e transgressora.

O Professor Ernesto "não fazia reféns", não gostava de meias-tintas e não tinha pejo em dizer o que pensava — se bem que, por vezes, fosse preciso algum esforço hermenêutico para descodificar os seus fragmentos discursivos, o seu humor ácido ou as suas tiradas desconcertantes...

Há muito poucos professores assim; aliás, há muito poucas pessoas assim. Mas uma personalidade assim não aparece do nada, forja-se num contexto histórico e cultural marcado — e que deixa marcas.

Com apenas 18 anos, em 1962, e depois de ter feito a instrução primária em Coimbra e o Ensino Secundário em Lisboa e no Porto, partiu para França, onde fez toda a sua formação superior:
1970 — Licence em Linguística Geral em Vincennes;
1971 — Mâitrise em Linguística (Fonologia) em Paris VIII;
1972 — Licence em Informática em Paris VIII; e
1974 — Doutoramento de 3.º Ciclo.

Durante estes anos, passou pelas mãos de grandes mestres; alguns que só conhecemos dos livros, outros menos conhecidos: Algirdas Greimas, Jean-Claude Chevalier, Oswald Ducrot, Pierre Encrevé, Joseph Emmonds, Zellig Harris, Maurice Gross, L. Goldman, Richard Kayne, Sanford Schane, Nicolas Ruwet...

Contudo, a tarimba da escola francesa dos anos 60/70 não chega para explicar a sua imensa sabedoria em tudo o que dizia respeito à Linguagem Humana, qualquer que fosse a língua: das línguas crioulas às línguas africanas (tinha um diploma de Swahili…), passando pelas línguas eslavas (tinha um diploma de Serbo-croata, orientou uma tese de doutoramento sobre a fonologia lexical do Búlgaro, passou por Leninegrado, Zagreb, Sofia e Veliko Ternovo, na Bulgária), nada escapava ao seu olhar curioso nem ao seu ouvido afinado, qual Gonçalves Viana.

Desde 1974, na Faculdade de Letras de Lisboa, teve a seu cargo o ensino de quase todas as cadeiras de Linguística: Fonologia, Fonologia Geral, Fonologia Generativa, Fonologia II e III, Fonética e Morfologia do Português, Fonologia e Morfologia do Português, Modelos Fonológicos do Processamento da Linguagem Natural, Sociolinguística, Introdução aos Estudos Linguísticos, Introdução à Linguística Geral, Sintaxe e Semântica do Português e Linguística Africana.

A sua imbatível tenacidade argumentativa não é mera repetição das práticas de Frei Tomás, como se pode ver pela escolha da citação que antecede a introdução do relatório apresentado a concurso para Professor Associado em 1985:

«O autor não pede aos críticos que o absolvam totalmente, porque em matéria científica ninguém espera indulgência plenária: o que estimará é que, notando-lhe sem aspereza as faltas e do mesmo modo corringindo-as, indiquem juntamente o que, porventura, … lhes pareça aproveitável.»

Palavras sábias do grande Mestre da Filologia Portuguesa, José Leite de Vasconcelos...

Quem foi seu aluno também se habituou a não esperar “indulgência” da sua parte — nas suas mãos, a maiêutica socrática não era apenas mais uma técnica pedagógica, era uma forma de estar; na sala de aula, nos corredores da faculdade, na vida.

Bem-haja.
Кує а суа алма дешкансе ем паш.

- Celeste Rodrigues, 24.04.2013

O Ernesto não foi uma figura consensual.
Creio que as figuras singulares se destacam e que ele deve ficar na lembrança de todos nós.
Foi o meu único professor de Fonologia, teria eu uns 20 anos, e continuou a fazer-me aprender sempre. A sua sagacidade e ironia eram cativantes.
Esteve sempre presente nos momentos decisivos do meu percurso académico.
À sua maneira, ajudou-me muito com a sua crítica implacável (a sua forma especial de dar estímulo).
Acabou por não orientar muita gente.
Deixou-nos muitas perguntas por responder. Elas são fruto da sua incessante busca do conhecimento pelo conhecimento, simplesmente.
Foi um professor daqueles que deixam aprender.
Guardarei boa memória dele.

- Maria João Freitas, 24.04.2013

(Texto construído com base na mensagem enviada a Madame Marie José d'Andrade)

O Ernesto foi o meu primeiro Professor de Fonologia. No ano de 1983/84, na disciplina de Fonética e Morfologia do Português, os nossos livros centrais de trabalho eram as teses de doutoramento de Mateus e de Andrade e um dos exercícios favoritos do Ernesto consistia em pedir-nos que identificássemos problemas nas formalizações das regras nelas contida. Não foi fácil ser aluna do Ernesto; aprendi muito com o Ernesto. Acho que nunca lho disse. Agora, lamento nunca o ter feito.

Não aprendi só Fonologia com o Ernesto: numa das primeiras aulas, apresentou-nos a análise de dada estrutura fonológica. Tudo parecia lógico e claro. No final, perguntou-nos se concordávamos com tudo. Acenámos afirmativamente com as nossas ainda muito vazias cabeças de 19/20 anos. Disse-nos: "pois apaguem tudo o que escreveram, está tudo errado; na próxima aula, contar-vos-ei a história certa". Aprendi com o Ernesto a escutar criticamente; costumo passar esta mensagem aos meus alunos, a quem conto muitas vezes este episódio.

Fomos colegas de departamento durante 26 anos. Como muitos, admirava a sua inteligência superior e o seu saber enciclopédico. Em muitos contextos, destacava-se pela diferença. Não era fácil interagir com o Ernesto, lidar com o seu espírito crítico, com as suas afirmações, por vezes, demolidoras. Na passada sexta de manhã, abri a caixa de correio e recebi a notícia da sua morte. Tinha de começar uma aula de mestrado nos minutos seguintes. Entrei na sala e a comoção travou-me as palavras. A minha homenagem ao Ernesto, naquele dia 19 que seguiu o da sua morte, foi dar uma aula de Fonologia com todo o entusiasmo que consegui recrutar. Afinal, as pessoas com quem temos relações difíceis são, muitas vezes, as mais importantes para nós.

Para além da paixão pela Fonologia e da relação professor-aluna, um ponto geográfico me ligava ao Ernesto: os arredores da Figueira da Foz e o Mondego, terras de ascendentes dele e meus. Contou-me o Ernesto que uma minha tia avó, que já não conheci, terá sido casada com um tio do Ernesto (por isto lhe chamava, por vezes e por brincadeira, primo Ernesto). A Tia Maria Bolinhos, cuja alcunha se deveria ao facto de não trabalhar no campo, ao contrário das outras moças da aldeia, servir-lhe-á, certamente, chá e bolinhos à chegada.

- Maria do Céu Novais

O Prof. Pardal é inesquecível. Uma personagem. Tinha mau feitio, sim...mas era autêntico. E sabia "à brava" sobre tudo o que nos ensinava - qualidade fundamental num professor universitário, nem sempre presente, sabemos.... Era um "fora de esquema", uma personalidade forte e surpreendente, um não alinhado. Por isso, embora algo temido (por ser tão inesperado), tinha a admiração e o respeito dos seus alunos. Está certo assim, quando admiramos e respeitamos um professor, independentemente de ele ser mais ou menos simpático, mais ou menos previsível. Eu lembro-me das aulas dele como se fosse ontem...já lá vão uns aninhos...e tenho mto orgulho em ter sido aluna dele. Paz à sua alma.